

DAVID EBERSHOFF

A 19.<sup>a</sup> ESPOSA

Tradução de Luís Miguel Coutinho

## A 19.ª Esposa

David Ebershoff

Publicado em Portugal por:

Porto Editora, Lda.

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: [delporto@portoeditora.pt](mailto:delporto@portoeditora.pt)

Título original:

*The 19th Wife*

© 2008 by David Ebershoff

Publicado por acordo com a Random House, uma chancela de Random House Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

Design da capa: XPTO Design

Imagens da Capa: © Corbis/VMI, © Shutterstock.com

Foto do autor: Edie High Sanchez

1.ª edição: julho de 2011

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

**Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.**

 **Porto  
Editora**

Rua da Restauração, 365  
4099-023 Porto | Portugal

[www.portoeditora.pt](http://www.portoeditora.pt)

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**  
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 327678/11  
ISBN 978-972-0-04068-8



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.  
Os prejudicados somos todos nós.

*Aos meus pais,  
Dave e Becky Ebershoff,  
e a David Brownstein*



A fé consiste em acreditar no que não se vê;  
a sua recompensa é ver aquilo em que se acredita.

– SANTO AGOSTINHO

Tal como acontece com todas as outras formas de arte,  
a Ciência da Dedução e da Análise  
só pode ser adquirida após um estudo longo  
e aturado e a vida não dura tanto que permita  
a qualquer mortal atingir a maior perfeição possível nesta área.

– ARTHUR CONAN DOYLE

E se existem falhas, são os erros dos homens.

– Livro de Mórmon, traduzido por JOSEPH SMITH, JR.



# ÍNDICE

I – DUAS ESPOSAS .....	9
II – ESPOSA N.º 19: VERMELHO NO DESERTO .....	19
III – O PRINCÍPIO DA HISTÓRIA.....	51
IV – AS ORIGENS DO AMOR .....	63
V – ESPOSA N.º 19: UM OLHAR NO ESCURO.....	75
VI – CASAMENTO CELESTIAL .....	109
VII – ESTUDOS SOBRE AS MULHERES.....	119
VIII – ESPOSA N.º 19: A ARMA NO ECRÃ.....	143
IX – SIÃO .....	171
X – A MISSÃO.....	197
XI – ESPOSA N.º 19: O D.JUAN DO OESTE .....	227
XII – A ATRIZ .....	251
XIII – CONTRATO DE FÉ.....	285
XIV – ESPOSA N.º 19: O DESVIO.....	307
XV – A ESPOSA DO PROFETA .....	339
XVI – A FUGA DA MINHA MÃE .....	375
XVII – ESPOSA N.º 19: A RAPARIGA DE SALT LAKE CITY.....	393
XVIII – A REPOSIÇÃO DE TUDO.....	421
XIX – MEMÓRIAS DO CÁRCERE DE BRIGHAM YOUNG .....	451
XX – ESPOSA N.º 19: A CONVICÇÃO DE JORDAN SCOTT .....	471
XXI – EPÍLOGOS .....	507
NOTA DO AUTOR E AGRADECIMENTOS .....	529





**I**



**DUAS ESPOSAS**

# A 19ª ESPOSA

CONTÉM:

O RELATO DE UMA SENHORA SOBRE

## O casamento polígamo e as suas adversidades

CRÓNICA DA EXPERIÊNCIA PESSOAL DE

## ANN ELIZA YOUNG

19ª E REBELDE ESPOSA DO LÍDER  
DOS SANTOS DO UTAH  
E PROFETA DA IGREJA MÓRMON

BRIGHAM YOUNG

ESCRITA PELA PRÓPRIA

---

COM PREFÁCIO DE

MRS. HARRIET BEECHER STOWE

INCLUI ILUSTRAÇÕES IMPRESSAS POR MEIO DE MATRIZES DE AÇO

---

EASTON & CO.

NOVA IORQUE

1875

## A 19.<sup>a</sup> ESPOSA

---

### PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

No primeiro ano em que renunciei à minha fé mórmon e decidi contar a todo a país a verdade sobre a poligamia americana, muitas pessoas perguntaram-me por que motivo aceitei um casamento polígamo. Todas as pessoas com quem me cruzo – sejam agricultores, mineiros, funcionários dos caminhos de ferro, professores, clérigos, ou até senadores de semblante sério, e em particular as suas esposas – desejam saber porque é que eu me submeti a uma prática conjugal tão marcada pela subjugação e pela tristeza. Quando lhes digo que o meu pai tem cinco mulheres e que recebi uma educação que me levou a acreditar que os casamentos polígamos resultam da vontade de Deus, esta boa gente pergunta-me: *Mas, Sra. Young, como é possível que tenha acreditado em tal coisa?*

Respondo-lhes que a fé é um mistério que escapa a muitos e nunca é fácil de explicar.

Agora, com a publicação desta autobiografia, os meus inimigos duvidarão certamente dos meus motivos. Porém, uma vez que já sobrevivi a atentados contra a minha integridade e até contra a minha vida, os seus ataques não me preocupam. Não foi pela fama, de cujo cálice já bebi (e dar-me-ia por muito feliz se não voltasse a beber), nem pelo dinheiro – embora seja verdade que me encontro sem abrigo e com dois rapazes pequenos para criar – que decidi escrever as minhas memórias. Desejo apenas expor a condição trágica das mulheres que têm casamentos polígamos, obrigadas a viver num estado de servidão que não se via neste país há uma década, desde a abolição da escravatura; e denunciar a lamentável situação dos respetivos filhos, destinados à solidão.

Prometo, meus caros leitores, manter-me fiel à verdade no relato da minha história, por mais que isso me custe. Nas páginas que se seguem, ficarão a conhecer a minha mãe, que, por dever religioso, aceitou dividir a cama do marido com quatro outras esposas. verão a pobre senhora obrigada a partilhar o esposo com uma rapariga cinco vezes mais nova. Conhecerão também o cavalheiro que tinha tantas esposas que, sempre que alguma o abordava na rua, dizia: «Queira perdoar-me, minha senhora, mas... conheço-a?»

Posso dar ainda mais exemplos, e é o que farei.

Em que circunstâncias se desenvolve tal ultraje? O Território do Utah, por mais magnificente que possa ser, com os seus picos de granito e jaspes vermelhos, rasgado por ravinas e desfiladeiros ressonantes, espalhando-se por uma ampla bacia coberta de vegetação e cortada por ribeiros errantes, esta terra de neve e areias intempestivas, de ferro, cobre e do Grande Lago Salgado – o Utah, cuja beleza rubra e dourada constitui o zénite da Obra de Deus – permanece obstinadamente como uma teocracia incrustada na nossa amada democracia, um *imperium in imperio*.

Não escrevo pelo sensacionalismo, mas pela verdade. Deixo os juízos de valor para os corações dos meus benevolentes leitores, onde quer que se encontrem. Sou apenas uma destas mulheres, porém, até ao dia de hoje, muitas outras levam vidas ainda mais carenciadas e escravizadas do que a minha alguma vez o foi. Talvez a minha história constitua uma exceção por eu ter conseguido fugir, com grande risco pessoal, às correntes conjugais de um casamento polígamo e por o meu marido ser Brigham Young, o Profeta e líder da Igreja Mórmon. Eu sou a sua 19.<sup>a</sup> e derradeira mulher.

Com os meus melhores cumprimentos,

ANN ELIZA YOUNG,

verão de 1874

# ESPOSA N.º 19

MISTÉRIO NO DESERTO

De Jordan Scott



## PRÓLOGO

A sua *Big Boy*

Segundo o *St. George Register*, em junho passado, numa noite de céu limpo, entre as onze e as onze e meia, a minha mãe – que não é nada assim – desceu, em bicos de pés, até à cave da casa onde cresci, com uma *Magnum Big Boy*, de calibre 44, nas mãos. Ao chegar do fundo da escada, bateu à porta do gabinete do meu pai. «Quem é?», perguntou ele, do interior. «Sou eu, a BeckyLyn», disse ela. Ele respondeu-lhe – ou deve ter-lhe respondido – que entrasse. O que aconteceu a seguir? No sudoeste do Utah, quase toda a gente vos poderia relatar o sucedido. A minha mãe deu-lhe um tiro em cheio, que lhe rebentou o coração no peito. O jornal diz que o meu pai estava sentado ao computador e que, pela forma como o sangue espirrou pela parede, de certeza que a força do disparo o terá feito dar três voltas na cadeira.

No momento da sua morte, o meu pai jogava *Texas hold'em* e conversava com três pessoas *online*, incluindo alguém com o *nickname* DesertMissy. Passou os derradeiros segundos da sua existência no seguinte diálogo:

Manofthehouse2004: espera um pouco

DesertMissy: telefone?

Manofthehouse2004: não, a minha mulher

DesertMissy: qual delas?

Manofthehouse2004: a n.º 19

Algum tempo depois – segundos? minutos? – DesertMissy escreveu:

– Tás aí?

Passado mais algum tempo, insistiu:

– Tás aí???

Acabou por desistir. Desistem sempre...

Quando a minha mãe apertou o gatilho, o meu pai tinha um *full house*, três quinas e um par de duques. Tinha o jogo na mão. A notícia que saiu no jornal diz que, apesar de morto, acabou por ganhar sete mil dólares.

Certa vez, ouvi alguém dizer na TV que morremos tal como vivemos. Parece ser verdade. Depois de o meu pai levar o tiro, o sangue escorreu-lhe pela *T-shirt* com a inscrição *gunsandammo.com* formando uma mancha volumosa. Tinha sessenta e sete anos e um rubor pré-canceroso na cara. Tudo nele era grande e desgastado por uma vida torrada pelo sol. Quando eu era criança, costumava idealizá-lo na figura de um *cowboy*: imaginava-o no celeiro, a aparelhar o seu cavalo de jarretes brancos, preparando-se para uma cavalgada de justiceiro. Mas o meu pai nunca deu um passo em prol da justiça. Era um religioso charlatão, um alto representante de uma religião de mentiras, o tipo de burlão que anda por aí a dizer que Deus manda que os homens tenham muitas mulheres e filhos e que serão julgados consoante o seu grau de obediência. Bem sei que as pessoas não o dizem exatamente desta forma, mas ele dizia, tal como o dizem muitos dos homens que vivem na terra de onde venho – que fica, por assim dizer, bem lá no meio do deserto! Talvez os leitores já tenham ouvido falar de nós: somos os Primeiros Santos dos Últimos Dias, mas todos nos conhecem como os Pioneiros. Devo dizer-vos, para começar, que não éramos mórmones, mas algo diferente – um culto, uma teocracia de *cowboys*, uma pequena fatia da «América Saudita.» Já nos chamaram um pouco de tudo. Sei de tudo isto porque abandonei a fé há seis anos. Foi a última vez em que vi o meu pai... e a minha mãe também. Eu sei que já o sabem, mas digo-vos-lo à mesma, por descargo de consciência: a minha mãe era a esposa n.º 19.

A primeira esposa do meu pai estava desejosa de acusar a minha mãe. Para quem – supostamente – não devia dirigir a palavra a não-crentes, a Irmã Rita não teve quaisquer pruridos em contar tudo ao *Register*:

«Eu estava lá em cima, na sala de estar, a tratar das meias das meninas», despejou para o jornal, «quando a vi subir a escada. Estava com uma cara estranha... uma cara esquisita, coberta de suor e vermelha, como se tivesse visto alguma coisa anormal. Ainda pensei em perguntar-lhe se se passava alguma coisa, mas acabei por não o fazer, não sei porquê. Vi-o vinte minutos depois, quando descí. Eu devia ter descido assim que vi a cara dela, mas como é que eu podia adivinhar? Quando o vi sentado na cadeira, naquele estado, com a cabeça... sabe... descaída sobre o peito, daquela maneira, e todo aquele sangue – havia sangue por todo o lado, todo ele estava coberto... estava tudo tão... tão húmido e vermelho –, desatei a gritar... a gritar por ajuda. Foi então que todas elas – as outras esposas – desceram a escada a correr, umas atrás das outras. E os miúdos também! Foi uma corrente interminável de gente. Era tanta gente a descer a escada que a casa até estremecia! Penso que a primeira a chegar foi a irmã Sherry. Quando lhe contei o que se passara – e ela o viu com os seus próprios olhos –, desatou a chorar. Na verdade, aquilo eram

gritos. A irmã seguinte também começou a gritar e a seguinte também, e por aí adiante. Nunca ouvi uma coisa daquelas! Os gritos foram correndo a fila como um incêndio, espalhando-se e contagiando todas as irmãs, umas a seguir às outras. Pouco depois, parecia que toda a casa vinha abaixo, se é que me faço entender... Sabe, é que todas o amávamos da mesma forma.»

Na manhã seguinte, o xerife do condado de Lincoln algemou a minha mãe: «Terá de me acompanhar à esquadra, irmã.» Não sei quem é que o chamou, pois ele raramente ia a Mesadale. Há uma fotografia da minha mãe a ser sentada no banco de trás do carro-patrolha, com a trança estendida sobre as costas ao entrar. No jornal vem que não ofereceu resistência... Não é de admirar! Também não se opôs quando o marido desposou a sua sobrinha de quinze anos de idade. Nem colocou objeções quando o Profeta a mandou expulsar-me de casa! «Não vale a pena arranjar problemas», era o que ela dizia constantemente. Mostrou-se obediente durante anos, pois acreditava que isso contribuía para a sua salvação. Depois, um dia, parece que os seus «fusíveis» queimaram! Estas coisas são assim; ouve-se falar de casos semelhantes a toda a hora. Mas, por obra do repressor, acho que foi mais um curto-circuito do que um simples queimar de fusíveis!

Terá sido a irmã Rita quem a acusou? Na verdade, foram os registos da conversa *online*. O *Register* adorou a ironia: VÍTIMA NOMEIA A ASSASSINA ANTES DE ESTA DISPARAR! Tecnicamente, o meu pai não a nomeou... numerou-a! Mas, de facto, as declarações de Rita também não a ajudaram e forneceram ao xerife informação suficiente. No dia seguinte, a polícia levou-a e o *Register* publicou, no seu *site*, a fotografia dela a entrar no carro-patrolha, com o cabelo entrançado como uma pesada corrente.

Foi assim que fiquei a saber do sucedido. Eu estava na biblioteca, com o meu amigo Roland. Navegávamos pela Internet, sem nenhum objetivo específico em mente, quando, de repente, surgiu a notícia sobre a minha mãe:

## ESPOSA N.º 19 MATA MARIDO

---

### SINAL DE TENSÃO NA SEITA RENEGADA?

Na foto, a minha mãe aparece algemada. Tem a testa branca e luzidia, refletindo o *flash* da câmara fotográfica ao amanhecer, e um olhar estranho. Que tipo de olhar? Talvez devesse dizer-vos que tem o olhar sombrio e húmido de um animal capturado... ou entender-me-ão se vos disser que apresenta o olhar apavorado de uma mulher detida por homicídio e prestes a passar o resto da vida na pildra?